

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA – UNILA

“Anais do I Encontro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe: cenários  
linguístico-culturais contemporâneos”  
07, 08 e 09 de novembro de 2013 - UNILA

FOZ DO IGUAÇU - 2016



## FEIRA POPULAR, REQUALIFICAÇÃO URBANA E TURISMO: QUANDO A HIGIENE SUPRIME SENTIDOS

MARCUS VINÍCIUS DE OLIVEIRA SILVA<sup>1</sup>

MARTA CERQUEIRA MELO<sup>2</sup>

**Resumo:** O projeto de requalificação por que passa a maior feira da Bahia, a Feira de São Joaquim, na cidade de Salvador, evoca a reflexão acerca da relação mantida pelos sujeitos, no âmbito da sociedade ocidental, para com os seus dejetos, detritos, lixo e com os ordenamentos espaciais, separações, misturas e diversidades. Envolvendo as noções de limpeza, higiene e saúde, esta relação, reconhecida em sua historicidade, tem as suas interfaces reservadas com os campos político, econômico e social. Analisar, pois, o contexto no qual se insere o projeto direcionado à Feira é um modo de, por um lado, problematizar a naturalização por que passa o sentido hegemônico do lixo nas sociedades ocidentais (Rodrigues, 1999) e, ao mesmo tempo, tecer uma compreensão possível acerca dos discursos e intencionalidades que embalam as dimensões material e simbólica envolvidas na apreciação da questão. Para tanto, o espaço da Feira, no qual se dão as transformações, passa a ser encarado enquanto um campo de relações, onde a interculturalidade que lhe permeia não mascara, e muito menos repara, as assimetrias sociais que neste cenário são perceptíveis. Configura-se enquanto um reduto das classes populares, zona em que as pertencas de classe e étnico-culturais, apresentam-se enquanto recursos-chave para a compreensão do papel que a diversidade sociocultural cumpre no estabelecimento de marca e distinção social. As medidas de requalificação urbana, que inscreverão a Feira no Circuito Turístico-cultural da Cidade Baixa, devem ser apreciadas também como referidas num projeto de “racionalização” urbana, movido por interesses exógenos, com vistas a potencializar a instrumentalização econômica da cultura como recurso de desenvolvimento social (Yúdice, 2004) manejado desde as lógicas tecnocráticas e etnocêntricas, que permitem uma limitada expressão dos modos de vida dos grupos sociais que historicamente ofereceram sustentação à existência da Feira. Desse modo, tal fenômeno põe a Feira de São Joaquim numa condição que favorece o exame de aspectos que envolvem os híbridos processos de modernização das sociedades periféricas, nas quais os aspectos de constituição da interculturalidade (Canclini, 2009) dialogam intimamente com as lógicas que assinalam a desigualdade social e possibilitam o exercício e a manutenção das estruturas de poder que garantem a vigência de fluxos hegemônicos de intervenção direcionados a uma dada realidade. Tem-se, portanto, a possibilidade de análise do projeto de Requalificação da Feira enquanto medida promotora da adequação do espaço a fim de potencializar a sua frequentação pelo público proveniente do circuito turístico; forma através da qual se realizará o asseio, produzindo a *pulcritud* (Kusch, 1962) do espaço à medida que visa extirpar os odores, texturas, umidades típicas das feiras populares que se contrapõem aos padrões assépticos hegemônicos na urbe. Em outras palavras, a reforma atesta a diferenciação de “tipos humanos” a partir da maneira como se relacionam com o espaço da Feira ou dos usos que dele fazem, e aviva o debate sobre a relevância das diferenciações vinculadas a fatores tais como a pertença étnica, a classe social, o lugar que ocupam na sociedade e a opção por sanar o “desconforto” que gera aos turistas o modo de vida dessas pessoas que convivem em meio àquela sujeira.

**Palavras-chave:** desenvolvimento social; cultura; higiene.

Oficialmente inaugurada em 08 de dezembro de 1964 no bairro do Comércio, situado entre a Bahia de Todos os Santos e a Avenida Oscar Pontes, a Feira de São Joaquim conta com

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal da Bahia, possui experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública, atuando principalmente com temas tais como Reforma Psiquiátrica e Saúde Mental, Clínica Psicossocial das Psicoses, Psicologia e Direitos Humanos, Desigualdade Social e Subjetividade. E-mail: [matraga@gmail.com](mailto:matraga@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda pela Universidade Federal da Bahia, integrante do Grupo de Estudos em Interculturalidade e América Latina do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – UFBA. E-mail: [marta018@hotmail.com](mailto:marta018@hotmail.com)

7500 feirantes distribuídos em mais de quatro mil boxes, os quais vendem alimentos típicos (rapadura, camarão-seco, tapioca, etc.), temperos, artigos religiosos - principalmente de candomblé -, artesanato de palha e cerâmica, frutas, verduras, legumes, carnes, peixes e até animais vivos, trazidos de diversas partes do Recôncavo Baiano (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2010).

Tendo a sua origem referida à antiga Feira de Água de Meninos – que foi completamente destruída após incêndios ocorridos em 1964 -, as condições histórico-sociais do seu surgimento atrelam-se, inevitavelmente, àquelas relativas ao fim desta última. Com os seus mais de 40 anos de história e extensão de mais de 60 mil metros quadrados, a Feira guarda, ainda, íntima relação com o processo de modernização por que passava a cidade de Salvador em decorrência da descoberta e exploração de petróleo a partir de meados do século XX e o processo de êxodo rural verificado no estado da Bahia à época<sup>3</sup>.

A Feira de São Joaquim inscreve-se, assim, num cenário mais amplo, no que concerne à espacialidade urbana e às suas implicações socioeconômicas e culturais. Constitui-se enquanto campo de relações, reduto das classes populares, zona em que as pertenças de classe e étnico-culturais, apresentam-se enquanto recursos-chave para a compreensão do papel que a diversidade sociocultural cumpre no estabelecimento de marca e distinção social. Espaço de frequentação de diversos atores sociais, que interagem desde as diferenciadas formações culturais de que dispõem; diferenciações, essas, que assinalam não somente as peculiaridades que permeiam os mais diversos setores da sociedade, mas também a desigualdade a partir da qual se verifica o acesso aos bens (CANCLINI, 2009).

Dessa maneira, não por acaso a Feira ainda recebia, no fim da década de 60, a alcunha de “mercado dos pobres”: a diversidade que comporta e que, ao mesmo tempo, lhe é atribuída enquanto característica primordial não apaga a expressão da desigualdade social que também emerge em seu interior. Ela exerce, portanto, grande importância no cotidiano das populações dos bairros populares que nela tinham e têm a oportunidade de garantir o sustento familiar através do trabalho autônomo, bem como podiam e podem encontrar, a

---

<sup>3</sup> Em decorrência de problemas relacionados às dificuldades oferecidas à manutenção da vida no interior dos estados nordestinos, muitos homens e mulheres migraram para a capital baiana, estimulados pelo descobrimento do “ouro negro” na região. Nesse período ganharam força as medidas de urbanização e modernização da cidade de Salvador que, espelhadas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, urgiam a inscrição no circuito do desenvolvimento através da promoção do controle e da disciplina das populações que então aumentavam, bem como dos espaços e das relações que neles estabeleciam (PAIM, 2005).

preços mais razoáveis, os produtos imprescindíveis à manutenção das rotinas domésticas diárias (PAIM, 2005).

Encarada atualmente sob perspectivas diversas – econômica, social, cultural, etc. – a Feira de São Joaquim tem passado por um processo de requalificação desenvolvido a partir do Plano de Reabilitação Participativo do Centro Antigo de Salvador, iniciativa do Governo do Estado da Bahia, sob a coordenação da Secretaria de Cultura do Estado, iniciado em 2010. O Plano tem a finalidade de corrigir as limitações da última revitalização por que passou o Pelourinho na década de 90, contemplando a sustentabilidade econômica, social, urbanística e ambiental desse importante sítio. Como Ações Prioritárias, estabeleceu-se a revisão da iluminação pública e de monumentos, o reforço na segurança da área, a melhoria da limpeza pública, a valorização da cultura local, a qualificação do atendimento aos visitantes e a eficácia na comunicação. (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2010).

Ainda segundo o documento oficial, no que concerne à Feira de São Joaquim, o projeto tem o objetivo de melhorar a salubridade, a higienização e a acessibilidade, respeitando suas características históricas e culturais de feira livre, e implantação de novo modelo de gestão. Ademais, visa inseri-la no Circuito Turístico-cultural da Cidade Baixa, uma vez que tem despertado a atenção de alguns visitantes, sobretudo estrangeiros, interessados no turismo étnico, e de agências de viagem que já estão incorporando este atrativo nos seus roteiros turísticos definidos para Salvador.

Atendendo as condições estruturais de que necessita a Feira para o seu melhor funcionamento, as reformas em vigência assumem um papel de grande relevância, sobretudo porque já à época da sua inauguração, na década de 60, estavam previstas amplas reformas das instalações hidráulicas, elétricas e sanitárias do espaço, que, todavia, teve a sua liberação aos feirantes não obstante as precárias condições de que dispunha. Por outro lado, condicionantes sociais, culturais, políticos e econômicos em que se inscrevem o discurso e as medidas modernizantes destinadas à “requalificação” e à produção de novos ordenamentos no espaço em que acontece a feira permitem que olhares atentos sobre si recaiam.

Considerando-se, assim, o espaço urbano tal como constituído no seio das sociedades ocidentais, o processo de modernização por que correntemente passa e o modo como controla os seus dejetos, a assepsia é um fator de relevância considerável. À medida que se afasta o lixo das zonas de convívio social, inevitavelmente, nesse movimento, tem-se a sua

aproximação de alguém, daqueles que estão à margem dos centros de poder, comumente mais distantes da poluição.

Lixeiros, residentes em zonas periféricas, pobres, parcela da população à qual a “modernização” ainda não chegou; aqueles, que na geografia citadina, são os que dificilmente contam com sistemas de saneamento básico e de recursos que, de maneira geral, os possam afastar dos dejetos socialmente produzidos. Questões que transcendem a materialidade do lixo bem como as suas dimensões técnica e objetiva, e o envolvem numa seara de implicações políticas, econômicas e sociais, tornando inevitável, nesse sentido, a consideração, numa cidade como Salvador, dos aspectos relacionados às pertencas étnicas e de classe social na sua abordagem.

Compreender, pois, o modo como culturalmente mantemos contato com a sujeira, impele-nos à compreensão da maneira com que nos relacionamos com o corpo (individual e socialmente) e o meio físico que nos rodeia. Convida-nos à elucidação das transformações de mentalidades e sensibilidades que, ao longo dos processos históricos, “elegeram” aquilo que deve ser considerado lixo e, conseqüentemente, as medidas de contorná-lo, através das práticas higiênico-sanitárias adequadas. Num sentido mais amplo, impele-nos a reconhecer as raízes que, fixadas em solo europeu, atrelam-nos a um passado marcado pelo colonialismo e por violências ancoradas num sistema fundamentado na ideia de raça e de uma hierarquia etno-racial globalizada.

Esses processos históricos falam, portanto, de um treino voltado à produção de sensibilidades, que emerge no seio das sociedades europeias entre os séculos XVI e XVII - aprimorado na segunda metade do século XVIII com o surgimento da medicina urbana (FOUCAULT, 1979) -, e posteriormente, trasladado para as colônias atrelado ao discurso civilizatório. A constituição de uma tal sensibilidade inauguradora da Modernidade, todavia, não pode ser compreendida senão, ao ser referida à transição operada durante o Renascimento, separando os novos modos de vida típicos das sociedades europeias daqueles que caracterizaram as possibilidades da existência urbana no período histórico convencionalmente conhecido como medievo.

Nas sociedades de então, verifica-se a presença de uma estreita relação estabelecida entre as dimensões do cósmico, do social e do corporal e da conseqüente produção de sentidos à existência naquele contexto. O corpo, compreendido como um todo, formado, inclusive, por aquilo que se passou, em seguida, a considerar como um aspecto dissociado de

si, a saber, os seus excrementos. Corpo ainda não tomado como objeto de controle moral, sobre o qual ainda não imperavam os tabus linguísticos que promovem uma economia da nomeação das suas partes.

O corpo medieval era totalmente diferente daquele que surgirá no ambiente aristocrático-capitalista. Era um corpo de orifícios dotados de liberdade de expressão, de aberturas que falam, que podem usar de sinceridade. Nos corpos medievais, os orifícios não estavam absolutamente condenados ao silêncio semiótico. Era o corpo da boca que cospe, que vomita, que arrota, que exala hálito. Era corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre... Não era um corpo contido pela musculatura. Nada dessa couraça muscular que oprime os orifícios para que não se manifestem em público, para que se retenham, para que se escondam. Nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individual (RODRIGUES, 1999).

Uma mudança político-econômica, mas também cultural: o ser humano passa a ser hegemonicamente imaginado enquanto um ser racional; passa a ser concebido desde uma perspectiva universalista que, não obstante, conserva um determinado gênero, uma etnia e uma origem social muito bem definidas. O Iluminismo, nesse sentido, exerce considerável influência estabelecendo-se enquanto marco dessa multifatorial transição histórica. Mais do que uma mudança, o enaltecimento da razão marca uma cisão entre as dimensões da existência predominantes até então.

A eleição de zonas dignificantes do corpo resulta, automaticamente, na produção de uma espécie de hierarquização das suas partes. Os excrementos, dessa maneira, deixam de ser concebidos enquanto uma extensão, enquanto uma parte integrante do corpo, tornando-se não mais do que a sua resultante fisiológica. Tornam-se sobras daquilo que é produzido pelo corpo, e que ele não aproveita. Sobras que, inclusive, podem fazer mal quando não devidamente afastadas do espaço de convívio individual e social. Tal como o lixo, matéria que já não pode ser aproveitada socialmente, os excrementos e secreções humanas assumem posição também simbólica na cultura, daquilo que deve ser distanciado das áreas de convívio social.

Concepções que chegam às colônias europeias e que se materializam desde uma perspectiva político-cultural amplamente disseminada. Concepções que, no entanto, assumem uma perspectiva refratária quando aplicadas a contextos como o Brasil ou como qualquer outro país atravessado pela colonização europeia, uma vez que foram disseminadas desde a adoção de um universalismo que não encontrou condições de adequação e que,

portanto, constituiu-se a partir de um modelo de humanidade à qual a maior parte dos agentes sociais não correspondia e, que por estarem imiscuídos num cenário marcado pela mestiçagem, para a qual concorreriam apenas aqueles que abdicassem e renegassem os componentes não-brancos da sua constituição.

Nesse sentido, as medidas de requalificação urbana, que inscreverão a Feira no Circuito Turístico-cultural da Cidade Baixa, devem ser apreciadas também como referidas num projeto de “racionalização” urbana, movido por interesses exógenos, com vistas a potencializar a instrumentalização econômica da cultura como recurso de desenvolvimento social (YÚDICE, 2004) manejado desde as lógicas tecnocráticas e etnocêntricas, que permitem uma limitada expressão dos modos de vida dos grupos sociais que historicamente ofereceram sustentação à existência da Feira.

Põem a Feira de São Joaquim numa condição em que favorece o exame de aspectos que envolvem os híbridos processos de modernização das sociedades periféricas, nas quais os aspectos de constituição da interculturalidade (CANCLINI, 2009) dialogam intimamente com as lógicas que assinalam a desigualdade social e possibilitam o exercício e a manutenção das estruturas de poder que garantem a vigência de fluxos hegemônicos de intervenção direcionados a uma dada realidade.

Atestam a diferenciação de “tipos humanos” a partir da maneira como se relacionam com o espaço da Feira ou dos usos que dele fazem, avivando o debate sobre a relevância das diferenciações vinculadas a fatores tais como a pertença étnica, a classe social, o lugar que ocupam na sociedade e a opção por sanar o “desconforto” que gera aos turistas bem como aos visitantes em geral o modo de vida dessas pessoas que convivem em meio àquela sujeira.

Medidas promotoras da adequação do espaço a fim de potencializar a sua frequência pelo público proveniente do circuito turístico; forma através da qual se realizará o asseio, produzindo a *pulcritud*<sup>4</sup> (KUSCH, 1962) do espaço, à medida que visa extirpar os odores, texturas, umidades típicas das feiras populares que se contrapõem aos padrões assépticos hegemônicos na urbe.

---

<sup>4</sup> Adotamos a tradução do conceito aproximando-o da ideia de asseio, noção que diz respeito não simplesmente à limpeza, mas também à harmonia e à adequação dos ordenamentos sócio-espaciais, sob o princípio de padrões previamente estabelecidos hegemonicamente.

Assinalam, portanto, o desconforto de que fala Kusch; o desconforto que nos invade em decorrência do confronto com a pobreza, com a sujeira, com a incivilização, com o *hedor*<sup>5</sup>, esse signo que não diz respeito tão somente aos cheiros, mas também aos lugares e às pessoas a que nos voltamos e que nos despertam um sentimento especial, um desconforto ou aversão que em vão tentamos dissimular.

No contexto da feira o *hedor* se expressa através dos ordenamentos espaciais e dos dejetos provenientes da atividade ali desenvolvida. Experiência que nos impacta e nos invade os sentidos; sentimento que, numa perspectiva mais ampla, fala-nos de um “*hedor de america*”, um sentimento que nos brota a partir da experiência que adquirimos na comodidade da urbe em relação àquilo que ainda não logrou equiparar-se a nós e aos nossos modos. O “*hedor de america*” é, assim, a própria feira tal como ela se nos é apresentada; são os feirantes e a maior parte das pessoas que fazem dela um espaço de viabilização da vida não plenamente inscrito na lógica de funcionamento hegemonicamente estabelecida. O estar na feira diante de toda aquela mistura e dos dejetos que dela derivam, é, em última instância, uma forma de adentrarmos num mundo que já não é o nosso, porque já estamos devidamente treinados para o exercício da *pulcritud*.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. Escritório de Referência do Centro Antigo. UNESCO. *Centro Antigo de Salvador: Plano de Reabilitação Participativo./ Escritório de Referência do Centro Antigo, UNESCO*. Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon: Salvador, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Diversidade e Direitos na Interculturalidade Global*. Revista Observatório Itaú Cultural / OIC - n. 8 (abr./jul. 2009). – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 18ª edição, 1979.

KUSCH, Rodolfo. *Obras Completas – Tomo I*. Editora Fundación Ross: Rosário, 2007.

PAIM, Márcia Regina da Silva. *Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de "mulheres de saia" e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

---

<sup>5</sup> Em tradução à expressão utilizada por Kusch no espanhol, recorremos à expressão que popularmente conhecida no Brasil que expressa, dentre outras coisas, a noção de mau cheiro, a saber, “murrinha” ou, sua similar “inhaca”.



RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na História*. Editora Fiocruz: Rio de Janeiro, 1999.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.